Raro.

100.00
40.00

EXCURSÕES AO TERMO DE LISBOA

RELATORIO DA COMISSÃO

Nomeada pela Assembleia Geral da Associação
dos Archeologos Portugueses,
em 12 de Maio de 1914, e composta dos socios
D. José Pessanha, José Queiroz, Nogueira de Brito
e Matos Sequeira, relator

LISBOA
TIPOGRAFIA UNIVERSAL
Rua do Diario de Noticias, 110
1916

EXCURSÕES AO TERMO DE LISBOA

RELATORIO DA COMISSÃO

Nomeada pela Assembleia Geral da Associação
dos Archeologos Portugueses,
em 12 de Maio de 1914, e composta dos socios
D. José Pessanha, José Queiroz, Nogueira de Brito
e Matos Sequeira, relator

LISBOA
TIPOGRAFIA UNIVERSAL
Rua do Diario de Noticias, 110
1916

PALAVRAS PRÉVIAS

Em sessão da Assembleia Geral da *Associação dos Archeologos Portugueses*, realizada em 25 de Fevereiro deste ano, foi resolvido, por proposta do socio Sr. José Queiroz, aprovada por unanimidade, que se publicasse o presente relatorio, lido na mesma assembleia ; e, tendo o referido socio apelado para a proverbial gentileza e bizarria do Presidente da Assembleia Geral, Sr. Dr. Alfredo da Cunha, S. Ex.ª aceitou generosamente o encargo de promover e patrocinar essa publicação.

Esta publicação é a resultante dessa proposta e representa o desempenho do encargo tomado bizarramente pelo ilustre Presidente da Associação.

Tal facto, documentado nestas palavras prévias, é mister que se consigne e, com êle, as expressões do nosso agradecimento.

A Direcção.

Ex.mos Senhores:

Em sessão da Assembleia Geral de 12 de Maio de 1914, o prestimoso e ilustrado socio desta colectividade, o Sr. Dr. Santos Farinha, referiu-se a varios vandalismos praticados em templos do termo de Lisboa e á ameaça, que sôbre alguns deles pesava, de uma proxima adaptação a outros usos, acabando por propôr que esta Associação empregasse todos os meios ao seu alcance para preservar esses monumentos de qualquer deterioração.

Resolveu essa mesma Assembleia Geral que se tomasse directo conhecimento do assunto, visitando-se detidamente as igrejas de Bucelas, Loures, Odivelas, Fanhões e Frielas, a que S. Ex.ª se referira, e assim se colherem os apontamentos necessarios para que uma futura representação se fundamentasse, sem receio de contradita. Foi então nomeada uma comissão, composta dos socios srs. D. José Pessanha, José Queiroz e Nogueira de Brito e ainda do signatario, autor do presente relatorio.

E' essa comissão que vem hoje cumprir o seu mandato perante V. Ex.as e, se tardiamente o faz, foi isso devido a ter-se alargado o plano da excursão, primitivamente traçado, e a outras circunstancias, que inutil me parece enumerar, a par tambem de alguns contras que se lhe depararam e cuja remoção dilatou, bem contra a nossa vontade, a ultimação dos trabalhos encetados ha bastantes meses.

Foram cinco as excursões realizadas. Delas vamos dar conta a V. Ex.as, num ligeiro, mas talvez extenso, relato, em que apenas se pretendeu anotar o que á mesma comissão pareceu valioso ou simplesmente interessante, sem descer a minucias descritivas nem a resenhas historicas, ajuntando-se-lhe seguidamente breves considerações, dentro do papel que amavelmente nos fôra distribuido.

Nessas cinco excursões, uma das quais saíu um pouco fóra dos primitivos propositos, por circunstancias de ordem diversa, visitámos trinta e dois monumentos, a maioria deles religiosos, não conseguindo, ainda assim, tomar conhecimento senão de uma escassa parte dos abundantissimos templos e mosteiros do dilatado termo de Lisboa ; e é nosso parecer que a continuação de tais excursões, até se completar, tanto quanto possivel, o exame artistico-arqueologico de tais monumentos, seria tarefa interessantissima e util, da qual resultaria, conseqüentemente, a organização de um inventario parcial do nosso patrimonio artistico, inventario cuja feitura se impõe, dada, embora, a sua extrema dificuldade.

*
* *

Mafra, Sintra, Alenquer, Torres-Vedras, Cascais, Vila Verde e Ericeira, com as suas aldeias e lugares, constituem os vastos tratos de terreno que o grande Mestre de Aviz marcou como termo da cidade em 1423, coroando a sua querida e esforçada Lisboa, com esse halo verdejante de quintas e de pomares, de hortas e de terras de pão, de vinhedos e de olivais «*em galardão do seu serviço poendo-se a todo o perigo pera nos sairmos fora do mal e sugeição a que nos queria trazer El Rey de Castella*», como êle proprio diz, na carta de doação que completou e ampliou os privilegios já concedidos á cidade, em sua carta anterior, de 10 de Abril do mesmo ano.

Lisboa bem merecia essa auréola de póvoas, esse auxilio de bésteiros e de homens de armas, de peões e de cavaleiros, que o Mestre mandava que, de então em diante, acorressem a juntar-se em derredor da bandeira da cidade.

Bem justa era essa achega das imposições dos lugares do arrabalde para fortalecer o tesoiro depauperado por contínuas sangrias de oiro, para mantença e defesa do burgo. A cidade exaurira-se no cêrco de 1384, passára fome, sofrêra privações, víra arder as suas casas, padecêra a vingança de Leonor Teles, e o seu mais generoso

sangue corrêra na cava dos muros, defendendo as pavezadas das portas de Santa Catarina e de Santo Antão e redemoinhando, entre escaramuças bravias com as hostes dos castelãos, nas lombas do monte de Sant'Ana e nos Moinhos de Vento. O Mestre soube apreciar o prestante auxilio da sua fiel Lisboa, baluarte seu e do povo, que tanto lhe queria e, o que é mais, soube galardoá-la. O galardão foram essas oito leguas redondas de logradoiro privilegiado, que nós percorremos, em parte trasmudadas pela charrua renovadora de dezoito gerações.

Todo esse extenso territorio é prodigo e rico em memorias e padrões, em mosteiros e em capelas, desde os paços régios de Frielas, Odivelas, Belas, Torres, Alenquer, Sintra e Mafra, aos templos de Bucelas, Loures e São Quintino e aos conventos dos Agostinhos de Chelas, dos Conegos Azuis de S. João Evangelista, das Bernardas ricas de Odivelas, de Nossa Senhora da Conceição e da Madre de Deus de Xabregas, dos capuchos da Pena e das claristas de Sacavem. Pelas estradas, caminhos e veredas, vive, na memoria dos écos, segredada á nossa imaginativa, a grita dos capitães afonsinos rechaçando os *walis* moiros ao sopé dos muros de Alenquer; o tropear dos cavaleiros medievos das côrtes de D. Afonso III, D. Dinís e D. Pedro *O Cru*, a caminho dos paços arrabaldinos; a algaravia da moirama dispersa, fugindo ás moirarias do burgo, aperreadas dos alcaides cristãos; os cortejos das infantas demandando os cenobios reais de Alenquer e de Sacavem; a borborinha das hostes de D. Dinís e do quarto Afonso, em 1323, nos campos de Alvala-de-o-Grande, e a dos homens de prol e dos bésteiros de Henrique I e de D. João de Castela, assolando o suburbio em 1373 e 1384; a azafama bulhenta dos artifices de quinhentos, inundando o termo de templos e capelas, lavrando cantarias, erguendo portais e decorando cada lugar com o artistico sêlo de pedra das obras de D. Manuel; a ingrezia dos bretões de Isabel Tudor, atravessando os campos ás abas da cidade, em 1589, para impôr aos portugueses, como rei, esse desorientado Prior do Crato; a marcha devastadora, pelos campos da margem, dos terços e esquadrões do duque de Alba; o murmurio funebre dos prestitos, demandando as jazidas fidalgas da Madre de Deus; e as romarias pagãs, dos pescadores do Corpo Santo, ás hortas de Xabregas. Depois a elegante sumptuaria das côrtes seiscentistas e o luxo magnifico do quinto João, alastrando, como serpes de côres variegadas, na poeira das estradas, a caminho de Sintra e de Mafra; a invasão tragica dos cidadãos, nos pri-

meiros dias de Novembro de 1755, em todas as aldeias e póvoas do arrabalde; a seguir, os franceses de Junot, estropiados e famintos, talando as vinhas e destruindo os pomares de Alhandra, Arruda, Santa Iria, Sacavem e Portela, e as carnificinas das guerras peninsulares, que nestes mesmos campos do termo iniciaram o seu ultimo capitulo. E, por fim, os factos de hontem, as coisas dos nossos dias, a vida de sempre, palpitando, em invocações flagrantes, em cada vestigio dessas epocas e segredando aos nossos ouvidos frases soltas, palavras truncadas, que muita vez completam a inteligencia do texto das crónicas.

Esses vestigios arqueologicos, depararam-se-nos, senão a miude, pelo menos com uma frequencia que é mister não deixar espaçar mais.

A' beira das estradas alvejam as ermidas de penitencia, capelinhas de romeiros, registos ingenuos, nichos primitivos; nas igrejas das povoações abrem-se os ridentes portais manuelinos; pousam, sôbre as naves, os tectos de tumba; reveste, as empenas e paredes, a sinfonia policrôma dos azulejos; corôam, as absides, as abobadas artezonadas; avulta, nos retabulos, a talha doirada; esmaltam os pavimentos os relevos heraldicos e as inscripções de jazida; tudo documentos vividos e eloquentes de outras gerações, de outros tempos, de outras ideias, de outros costumes, cujo estudo é, sob todos os pontos de vista, de um interesse indiscutivel para a arqueologia e para a arte, constituindo um livro enorme de memorias a que é mister não truncar uma unica pagina, por menos interessante que pareça, sob pena de um dia se topar com trechos indecifraveis em outra cujo interesse seja capital.

O termo de Lisboa, tão encarecido pelos nossos classicos e cuja amenidade e vegetação fizeram dizer verdadeiras barbaridades a Luís Mendes, a Marinho de Azevedo, a Frei Nicolau de Oliveira, a Duarte Nunes, a Carvalho da Costa e a outros, os quais, comparando-o aos *Campos Elisios* da Fabula, arejam toda a sua erudição, citando essa chusma de Plinios, Polybios e Strabões, que acertaram de fantasiar sôbre os campos alfacinhas; o termo de Lisboa, dizia, fazendo parte integrante da historia da cidade a que o ligam estreitas relações de cinco seculos, contém ainda, no seu largo ambito alguns espècimes valiosos de arquitectura, alguns restos arqueologicos de merecimento.

Preservá-los da destruição é o nosso dever, porque êles representam alguma coisa mais do que simples vestigios de arte depre-

ciada, pois significam, na sua enorme dispersão, em todas as fórmas dessa mesma arte, as inalienaveis e insubstituiveis caracteristicas da tradição de um povo e da sua propria nacionalidade.

Como cidadãos e como colectividade, cumpre-nos promover a sua defesa, solicitando para êles a atenção do Estado e fazendo quanto em nós caiba para, nos limites da nossa acção e da nossa influencia, pessoal — o que ás vezes resulta mais proveitoso — fazermos a propaganda dessa defesa, dia a dia, hora a hora, aos cultos que o não saibam ser, aos incultos que o não possam, a amigos e a estranhos, a indiferentes e a desiludidos.

E' nesta ordem de ideias que são aqui feitas algumas considerações e algumas propostas sôbre a materia de observação que nêle fica arquivada. A V. Ex.as, que lhe vão dar a honra da sua atenção, cabe o apreciá-las, desculpando o desalinhavado das frases e a insuficiencia do relator, menos do que relator, do escrevente, que pouco mais fez do que anotar as indicações que, sôbre arquitectura e arqueologia em geral, sôbre ceramica e sôbre epigrafia, lhe davam os seus colegas da comissão, os srs. D. José Pessanha, José Queiroz e Nogueira de Brito.

E são essas curiosas indicações que V. Ex.as vão ouvir.

Padrão do Senhor Roubado

Este monumento, comemorativo do desacato praticado na igreja de Odivelas, em 1671, encontra-se em lamentavel estado de conservação, devido não só á ignorancia das populações, que desde longo tempo o mutilam, principalmente na parte ceramica, senão ao desleixo das autoridades locais, que, tambem desde largos anos, o trazem abandonado.

A sua situação, á beira da estrada, muito concorre para a dificuldade de preservá-lo do rapazio. A isto tudo acresceu, ultimamente, a circunstancia de se ter arrendado o recinto, onde se encontra o padrão, para uma venda de vinho, ou negocio semelhante. Foi isso — disseram-nos — em 1912.

A comissão, examinando-o detidamente, foi de parecer que se lhe deveriam fazer as seguintes obras:

1.° Restaurar a pia de agua benta;

2.° Eliminar a parede posterior, que entaipa o monumento, pelo lado nascente-norte;

3.º Eliminar a lanterna e a caixa de esmolas ;

4.º Rebaixar o terreno que soterra a escadaria de acesso ao monumento ;

5.º Pôr um vidro na maquineta que encerra a imagem ;

6.º Restaurar a grade que rodeia o monumento e a cortina do muro em que ela assenta.

*

Como em muitas das obras que, propria ou acidentalmente, descrevem o padrão de Odivelas, se acham erradas as inscripções, copiámo-las e aqui as deixamos exaradas.

A que está na face externa do corrimão sul-poente, é :

PARA SE LEVANTAR ESTE DEVOTISSIMO
PADRÃO DO S. I. R. NO ANO DE 1744 DEO
LICENÇA LVIS PAVLINO DA SILVA E AZEVEDO
SENHOR DA TERRA ENTRE AS DVAS ESTRADAS

Na frente da base, lê-se :

ESTE PIADOSO PADRÃO
COM ETERNA DOR SE LEIA
AQVI VM ATROZ LADRÃO
ÁS DUAS DA NOITE E MEIA
O CEO ESCONDEU NO CHÃO

CASO DE ODIVELAS. ANNO DE 1671

Superiormente, em face identica, está :

ESTE PEDRÃO. F. N. 1744 (1)

No pé do fuste que suporta a maquineta :

AQVI OCVLTOU A INGRATIDÃO
DO MAIOR ROUBO A INSOLENCIA
MAS LEVANTOU A CLEMENCIA
A MEMORIA DO PERDÃO

(1) O *E* encontra-se incluso no *D*.

Na moldura, sôbre a verga da porta aberta no muro que serve de fundo ao monumento:

LOUVADO SEJA O SANTISSIMO SACRAMENTO E TRINDADE DA TERRA
JESUS, MARIA, JOSÉ — P. ALMAS P. N. A. M.

E sob a verga da mesma porta:

ESTA Õ FEITA CÕ ESMOLAS DOS FIEIS — 1744

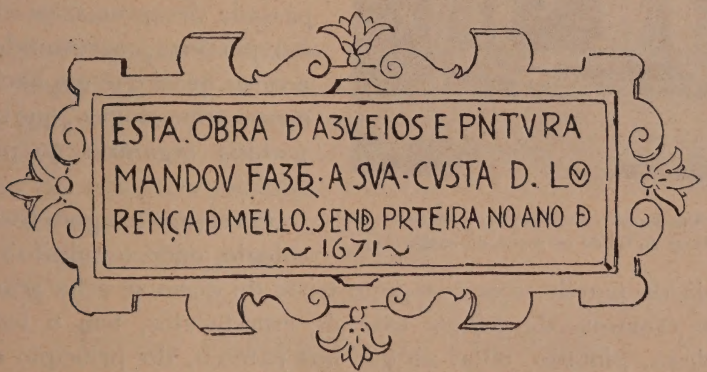
Junto ao Padrão, está uma fonte muito arruinada, que deve datar dos fins do seculo XVI, principios do seculo XVII.

Os dizeres dos quadros de azulejos, que figuram a historia do sacrilegio, foram ultimamente transcritos na integra em trabalho do nosso consocio Dr. Vergilio Correia.

Mosteiro de Odivelas

Ainda hoje, após tantos baldões, conserva este mosteiro interessantissimos vestigios da sua passada grandeza, restos preciosos da sua vetustez, reliquias da sua tradição galante.

Gentilmente acompanhados por um distinto oficial, professor do estabelecimento de ensino que ali se acha albergado, pôde a comissão visitar detidamente os mais notaveis recantos do edificio, desde o claustro exterior, decorado de azulejos policrômos seiscen-



Cartouche, com inscripção, existente na parede da face norte do claustro exterior do mosteiro de Odivelas

tistas e em cujo lagedo se espalmam pedras sepulcrais do seculo de quinhentos, até o outro claustro, chamado *da Moira*, de que se obteve

um bom *cliché* fotográfico, e á igreja, indecorosamente restaurada, pintalgada das mais inverosimeis côres e estucada dos mais abominaveis estuques.

Vai a comissão tentar dar a V. Ex.as uma ideia, ainda que ligeira, do estado do velho mosteiro de S. Bernardo.

O *Claustro da Moira* encontra-se arruinadissimo e bem valeria a pena, pelo menos, consolidar as suas arcadas. Assim o entende a comissão. A variedade dos capiteis lavrados, com a singeleza que é o segredo da elegancia, o ar de poesia, digamos assim, que perfuma o ambiente arqueologico do claustro, onde o distico gótico, lançado na fita de pontas enroladas, proclama *silencio* do alto das arcarias do primeiro pavimento, a parede esboroada do velho paço, onde se entreabre uma linda janela geminada, servindo de pano de fundo a esse belo scenario, bem merecem a atenção daqueles a quem compete, oficial ou oficiosamente, velar pelo nosso patrimonio arqueologico.

Um aspecto do *Claustro da Moira*, vendo-se ao fundo os restos do antigo paço

Todo o páteo se acha atravancado de cantarias lavradas, onde, de quando em quando, avultam algumas lages sepulcrais bem vetustas, entremeando o destroço dos fustes e capiteis, que os seculos e a incuria passada desaprumaram e lançaram por terra, constituindo toda a ruina quási que um nucleo de museu arqueologico, que bem se poderia organizar no proprio edificio.

O refeitorio, agora teatro do colegio, onde o pulpito resalta ainda da parede, com o aspecto triste de quem se acha acanhado para camarote da recente casa de espectaculos, tem o tecto de madeira, pintado, obra, ao que nos pareceu, do principio do seculo XVIII. E' uma casa vasta e arejada, mas a que se não conseguiu, a despeito de restauros e alindamentos, tirar o aspecto grave e triste de clausura.

A igreja do mosteiro, cujo aceio nos encantou e cuja restaura-

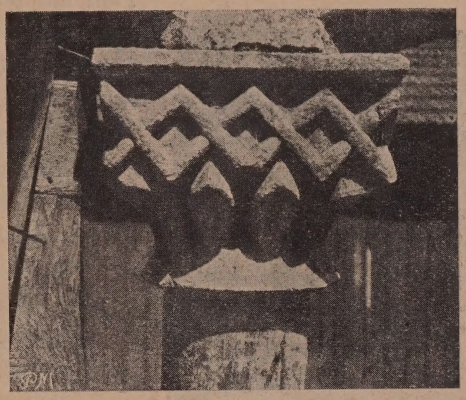
ção nos deu vontade de gritar, contém ainda muitos e valiosos despojos da sua nobreza primitiva.

As capelas absidais deixam adivinhar coisas belas de outro tempo; na da esquerda, aos pés do altar gótico de pedra, avulta uma campa brazonada em meio relevo; na segunda da direita, logo nos chamou a atenção aquele decantado e comentado tumulo, apoiado em realismos conventuais. Na ultima abside (hoje sacristia) acha-se embebida na parede a lapide que nos segreda ali jazer a infanta D. Felipa, filha do infante D. Pedro.

No corpo da igreja vêem-se numerosas lapides de marmore preto e branco.

Notámos tambem, na porta de ingresso á igreja, do lado do claustro exterior, uma data em numeros de metal: 1561.

De toda a peregrinação pelo convento, a que não faltou a visita aos minusculos e graciosos aposentos da madre Paula, resolveu a commissão se propozessem oportunamente as seguintes obras:



Capitel do *Claustro da Moira*, no mosteiro de Odivelas

1.° Consolidação das arcadas do *Claustro da Moira*;

2.° Organização de um museu, na igreja do edificio, com todos os vestigios de arte e de arqueologia do velho mosteiro;

3.° Supressão dos vidros coloridos das janelas do templo, supressão do estuque e modernas pinturas do seu tecto, eliminação dos balaustres da capela-mór e remoção do retabulo do século XVII, a fim de ficar patente a primitiva estrutura.

Igreja Paroquial de Odivelas

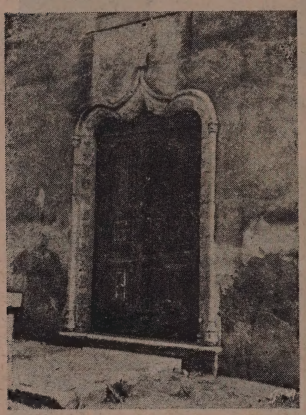
Está em bom estado de conservação. Neste templo encontrou a comissão, como minucias dignas de nota, uma teia de pau santo entremeada de balaustres de marmore, uma pia de água benta, datada de 1573, lavrada em estilo Renascença e afectando a forma da pôpa

de uma nau, a que não faltam o cordame, as ancoras e outros acessorios nauticos, e dois interessantes pulpitos de madeira.

No adro, lêmos duas datas; no parapeito do muro, onde se ergue uma cruz: 1680; no pé da mesma cruz: 1626.

Igreja Paroquial da Póvoa de Santo Adrião

Embora de acanhadas dimensões, é muito curiosa esta igreja, a que não falta uma elegante proporção nas suas linhas interiores. Tem um portal manuelino, simples, do qual obtivemos uma prova fotografica. O exterior do templo nada tem de notavel.



Porta principal da igreja da Póvoa de Santo Adrião

E' de uma só nave, com cinco capelas no corpo principal, e o tecto é apainelado, de madeira, com pinturas. As referidas capelas têm as invocações de N. S. dos Prazeres, N. S. do Rosario, Santissimo, S. Sebastião e Senhora das Dôres.

Tanto no corpo da igreja como na capela-mór o revestimento das paredes é de azulejos enxadrezados, verdes e brancos no templo e azuis e brancos na capela-mór. Esta é moderna e não articula com o corpo da igreja.

A capela de Nossa Senhora do Rosario, que fica em frente da porta lateral, tem uma lapide, onde se lê:

ESTA CAPELLA HE DE Fco
DA SILVA DE NORONHA FIDALGO DE SOLAR Fo DE Dos
DA SILVA E DE DONA MAR
GARIDA DE NORONHA DE
CENDENTE DOS DUQUES DE CAMINHA MARQUE
ZES DE VILA REAL

e na base do pulpito lê-se, rodeando-o, a seguinte inscripção:

O Pe IR ROIZ CVRA DESTA
IGREIA A MANDOV LAGEAR E FAZER ESTE
PULPETO A SVA CVSTA

A pia de agua benta é do seculo XVI e o retabulo da capela de Nossa Senhora do Rosario é de boa talha, do seculo XVII.

E' tradição corrente no lugar ter sido este templo reedificado pelos Tavoras.

A' entrada da Póvoa de Santo Adrião existe uma propriedade, onde se deparou á comissão um curioso documento ceramico. Nada menos do que uma composição pictural falante, em que se pretende referir á posteridade a historia do primitivo proprietario dessa moradia, simples pastor, que, mercê da protecção da Deusa Fortuna, conseguiu chegar a rico proprietario e industrial.

Essa faixa de azulejos decora actualmente uma das fachadas do predio, á altura do segundo pavimento, podendo apenas ser observada, numa varanda corrida,—ao que parece, feita de proposito para esse fim, por ocasião da mudança, para ali, dos azulejos que, primitivamente, deviam estar noutro ponto, dado que a casa não tinha antigamente mais do que um andar. Nestas condições, foi-nos impossivel reproduzir pela fotografia o interessante documento.

Os letreiros que epigrafam os sete medalhões do silhar, todo a tinta azul, dizem o seguinte:

1.º Antonio Joaquim Carneiro pastando no campo de menor idade e levando seu irmão a casa;

2.º O dito no campo guardando as boiadas de seu avô marchante;

3.º O dito em companhia de hum almocreve para casa de seu tio para este ensinar-lhe o seu oficio;

4.º O dito aprendendo o seu oficio com seu tio Antonio Freire Carneiro;

5.º O dito com sua loje em companhia de sua mai e duas irmãs e dois irmãos;

6.º O dito com sua mulher e sinco enteados tratando da sua loje e negosio;

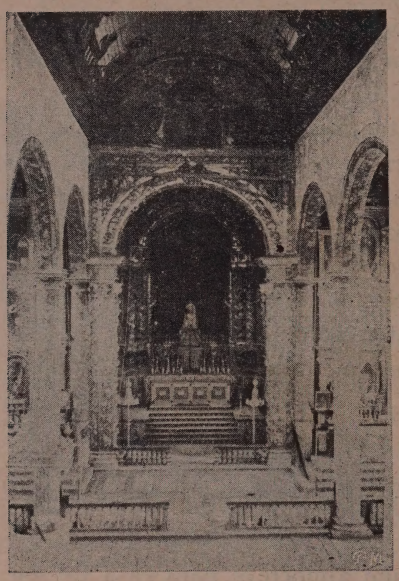
7.º O dito em seu carro caminhando para a sua qinta onde existe a sua fabrica e negosio.

Neste utimo medalhão acha-se representada a propria casa onde os azulejos se encontram.

Tal biografia ceramica, incluindo a gramatica e a ortografia, é verdadeiramente curiosa. Os azulejos devem ser dos fins do seculo XVIII, principios do seculo XIX.

Igreja Paroquial de Loures

Este templo está bem conservado. A ausencia do culto faz-se sentir, apenas, no estado de limpeza, o qual deixa bastante a desejar. Acha-se fechado ha muito tempo.



Igreja Paroquial de Loures

Depois de inumeras diligencias e correspondentes dificuldades, conseguiu, afinal, a comissão visitar a igreja.

Possue três naves, sem transepto, tectos de abobada de berço, de madeira pintada e as colunas das naves de fuste cilindrico, de marmore, igualmente pintadas com ornatos e flores. A capela-mór tem o tecto de abobada artezonada. Está revestida, até mais de um terço de altura, de mosaico, genero florentino. O restante revestimento superior, até á sanca, é de talha doirada, do seculo XVII, epoca tambem do retabulo do altar-mór, que é ornado e ladeado de quatro colunas salomonicas. O pavimento é de marmores policrômos, lindamente combinados.

As antigas capelas absidais acham-se transformadas em sacristias. Na da nave do lado da Epistola vê-se, num dos medalhões, a torre de Belem. Aos tôpos das naves laterais, no cruzeiro, ha duas capelas com retabulos do seculo XVII, doirados, formando oito paineis, que rodeiam a maquineta onde está a imagem que lhes dá a invocação. No corpo do templo vêem-se dois altares de cada lado, sendo o da Epistola consagrado a Nossa Senhora do Rosario e o do Evangelho ao Senhor Jesus da Boa Sentença, ambos ornamentados com talha do seculo XVII. O pulpito, e escada respectiva, são de marmore. O tecto do côro é de madeira pintada, em caixotões. A decoração é de arabescos e deve datar da mesma epoca.

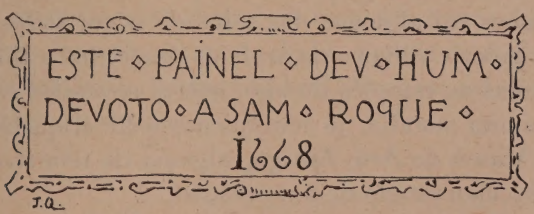
Ermida de S. Roque

Esta ermida foi a primeira, da invocação de S. Roque, que se edificou depois do templo dos jesuitas em Lisboa. Acha-se em completo estado de abandono e aberta á curiosidade dos que cruzam o caminho de Loures a Santo Antão do Tojal. E' uma acanhada construção, tendo diante da porta de entrada um alpendre, sustentado por pilares de cantaria.

Ermida de São Roque

Na verga da porta principal tem a data de 1568 — que é a da sua edificação—e, sôbre ela, um registo, composto de 43 azulejos, representando S. Roque, tendo aos pés um pestifero ajoelhado e o classico cão com a borôa na boca. A decoração é policrôma.

Na parte inferior vê-se a *cartouche* que aqui vai reproduzida:



No interior da ermida, pouco ha digno de menção. Algumas télas em mau estado, um altar desmantelado e restos de um silhar

de azulejos do seculo XVII, policrômos. O arcaz, que fica na sacristia, serviu de cortiço a um enxame de abelhas. Ali vimos restos de alguns favos de mel.

Santo Antão do Tojal

Visitou a comissão o templo e palacio de Santo Antão do Tojal, reedificados no seculo XVIII pelo patriarca D. Tomás de Almeida. A igreja, que nada tem de notavel, está regularmente conservada. Apenas a galilé, ornada de azulejos da epoca, necessita de fechar-

Portão de entrada do palacio de Santo Antão do Tojal

se, para evitar que o rapazio do local a deteriore com pedradas e a suje de imundicies. Mereceria a pena, tambem, completar os azulejos, que são interessantes, e restaurar a grade de ferro forjado que fecha a galilé.

O paço de Santo Antão do Tojal é que se acha em muito mau estado, principalmente os tectos, em virtude da deterioração dos telhados, que era mister reparar.

Encontrámos em algumas das salas do paço, todas com tectos pintados da época e silhares de azulejos decorados a tinta azul (representando uns as estações do ano, outros episodios campesinos e venatorios) muita mobilia, já convenientemente etiquetada pelo sr. Director do Museu de Arte Antiga, alguma de relativo valor, mas toda em muito mau estado de conservação.

Os azulejos, que ornamentam a escadaria principal, são muito interessantes, com figuras a duas côres (azul e amarelo) nos patamares, e exuberante decoração policrôma nos lanços, representando

numerosos exemplares da fauna exotica, entre balaústres, que emparelham deste modo com os autenticos balaústres da escadaria.

A cozinha é igualmente toda decorada de azulejos, que lhe revestem completamente as paredes, constituindo um belissimo exemplar de decoração ceramica, já pelo ajustado dos assuntos, que vão desde a matança do porco e do preparo das peças culinarias, até simples representações de peças isoladas de caça, de suspensões de enchidos e de presuntos, no pano da chaminé. Todos os azulejos são pintados a azul e perfeitamente esmaltados, no que levam vantagem aos que ornamentam a cozinha do palacio do Correio mór, em Loures, que tambem tivemos ocasião de visitar, os quais, por serem a duas côres e uma delas (côr de vinho) pouco feliz no tom, não deixam uma impressão tão favoravel como os da cozinha do paço dos Arcebispos de Lisboa.

A sala da tribuna, que serve de passagem do paço para a igreja, é um riquissimo aposento, revestido de lindos marmores combinados, e cujo tecto, com pinturas em medalhões á roda de um painel central, é um verdadeiro primor. São nove os paineis decorativos da sala, e pena é que tal compartimento esteja tão deteriorado, principalmente o tecto, pela frequente invasão das aguas da chuva.

Resumindo: —entendeu a comissão que se deveriam restaurar os telhados, reparar os tectos e preservar os azulejos, em que o edificio é abundante, para o que muito conviria, a ser possivel, o removerem-se do paço, para outro edificio, as escolas que ali funcionam, isto além das obras já indicadas, que se deveriam efectuar na igreja.

A não ser assim, continuará o descalabro do edificio do paço, que, não ha muitos anos ainda, possuia parte das suas salas revestidas de coiros prensados e doirados (guadamecins), doze dos quais, depois de terem ido para S. Vicente, foram separados e levados para o Museu de Arte Antiga.

Notámos tambem, num cunhal de uma das torres da igreja, um brazão de ferro forjado, creio que de D. Tomás de Almeida. Dada a raridade da execução do simbolo heraldico, em tal materia, achamos conveniente registá-la.

*
* *

O aqueduto e o chafariz que o remata, no largo da povoação, acham-se ao desamparo. Ainda que a sua utilidade seja reduzida, deveriam conservar-se. O chafariz, monumental, tem magnificas pro-

Chafariz de St.º Antão do Tojal

porções e certa nobreza, e o aqueduto corta com graciosidade a escassa povoação, engrandecendo-a e constituindo um motivo de decoração.

Igreja Paroquial de Fanhões

E' o unico monumento da freguesia. E' um templo dedicado a S. Saturnino, advogado das quebraduras. O estado de conservação não era mau. A igreja fôra restaurada em 1796, conforme está documentado na data esculpida sôbre a porta de entrada. Sôbre a verga da porta lateral lê-se outra data, de anterior restauração ou da fundação. E' a de 1575. E' de uma só nave, com tecto de abobada de berço. As paredes são revestidas de azulejos enxadrezados, verdes e brancos e azuis e brancos, dos fins do seculo XVI, que assentam sôbre um silhar de azulejos setecentistas, decorados a azul.

Nada mais tem de notavel, ou, por outra, nada mais *tinha*, porque, em virtude dos acontecimentos politicos de 14 de Maio de

1915, foi destruida por um incendio, que alguns exaltados lhe lançaram.

Bucelas

Igreja Paroquial

E' um templo de três naves, semelhante ao de Loures. As colunas de pedra que as separam, tem os fustes cilindricos. O tecto é pintado sôbre o estuque, pintura de arabescos, do seculo XVII. Revestem as paredes do corpo da igreja, azulejos enxadrezados, verdes e brancos, dos fins do seculo XVI. Os arcos das naves são de volta perfeita e os tectos destas de abobada de berço.

Tem um altar lateral, de talha doirada, seiscentista, com retabulos de madeira pintada. A parede, livre de talha, é azulejada de azul e branco, enxadrezado. O altar é dedicado a S. Pedro.

No corpo da igreja existem, embebidas nas paredes, as insignias de sagração da Ordem de Christo. Nos topos das naves laterais vêem-se dois altares, com retabulos do seculo XVII, dedicados a Nossa Senhora do Rosario e a Nossa Senhora da Luz.

A capela-mór é separada do corpo da igreja por uma teia de balaústres de pau santo e de marmore, entremeados. O tecto é de abobada de berço, com pinturas de arabescos sôbre o estuque. Toda a capela é rodeada por um silhar de magnificos azulejos, com ornatos e figuras, sôbre o qual se vêem quatro paineis alusivos á Eucaristia, um dos quais nos pareceu razoavel e com certo interesse. Devem ser pinturas dos fins do seculo XVII. Acham-se encaixilhados em molduras de talha doirada.

Todo o altar-mór é de boa talha da mesma época, sendo o retabulo ladeado por colunas salomonicas, que assentam em uma base onde avultam algumas figuras, incarnadas, de sereias. Optimo trabalho de talha.

Sôbre a porta que comunica a capela-mór com a torre, está a seguinte legenda:

ECCLESIÆ. FACIENDVM. CV
RAVIT. ANNO. DNI. MD. LXVI

A sacristia tem ainda o tecto de artezões, do seculo XVI. Sôbre o arcaz existe um retabulo da mesma epoca e ainda duas tabuas pintadas, sem maior valor. Ao centro vê-se um ediculo, com um crucifixo.

Em uma das paredes, sob o brazão esculpido dos Correias, espalmado numa aguia voante, vê-se a seguinte inscripção:

GABRIEL CORREA HVI
VS ECCLESIÆ PRIOR
SACRARIVM. HOC. FA
IENDVM. CVRAVIT. AN
NO. DNI. MDLXXIII.

Na capela-mór, sacristia e corredor da torre, ha ainda vestigios de abside e de absidiolos. Os sinos da torre são dois. Um está datado de 1631 e outro de 1734. Este é *da fabrica de fundição do Oliveira*, conforme uma legenda que tem na cinta superior.

Ermida do Espirito Santo

E' muito antigo este templosinho, situado no adro da igreja paroquial. Hoje acha-se transformado em teatro da povoação. Tem o tecto de telha vã. Na capela-mór, é agora o palco.

Informaram-nos que o tecto era de caixotões de madeira, pintado com ornatos e figuras. Apearam-no por ameaçar ruina.

As paredes do corpo da ermida são revestidas de azulejos enxadrezados, azueis e brancos, e os da capela-mór, igualmente enxadrezados, verdes e brancos.

O retabulo do altar-mór, que hoje se encontra arrecadado na matriz, representa o Espirito Santo. E' um notavel trabalho em alto relevo, num só bloco de

Retabulo de pedra da ermida do Espirito Santo, em Bucelas

pedra, devendo a sua feitura remontar ao seculo XV. Tem ainda vestigios de policromia.

No fecho do arco da capela-mór, que é de cantaria pintada com arabescos, lê-se a data de 1612, havendo em um pulpito de pedra, arrecadado num desvão da capela, a data de 1613.

No corpo do templo, que é um espècime belissimo das ermidas quinhentistas do termo, ha um silhar de azulejos *joalharia*, dos fins do seculo XVI, principios do seculo XVII.

O tecto da capela-mór (palco) é de abobada polinervada do seculo XVI.

No adro da matriz, á beira da rua, ergue-se, ligado ao muro de vedação, um cipo romano. Não se faz de tal monumento menção mais minuciosa por já se achar lido e estudado, em varios livros.

Frielas

Nesta povoação nada ha que mereça a atenção de artistas e arqueologos. A igreja paroquial, hoje transformada em escola oficial, era um templo banalissimo, em virtude de sucessivas restaurações sofridas. Como escola, tambem nada tem que a recomende. E' um recinto escuro, humido e desagasalhado.

Ermida da Ramada

Esta ermida, construida sôbre um alto, cêrca da estrada militar, donde, dominando toda a baixa de Frielas, se disfruta um panorama esplendido, já foi historicamente tratada em duas comunicações feitas na Secção de Arqueologia Lisbonense desta Associação pelo sr. Dr. Vergilio Correia e pelo signatario deste relatorio. O nome por que é conhecida deriva da quinta a cuja casa pertencia.

O principal encanto deste templosinho reside nos seus magnificos azulejos, decorados a azul, de um tom lindissimo e de um primoroso desenho. Tais composições honrariam um artista dos nossos dias. A delicadeza do traço, a largueza da composição, denunciam um artista de rara competencia. Pena é que tudo esteja num descalabro confrangedor. Parte dos quadros ceramicos acham-se reduzidos a meia duzia de azulejos. Como o templo está aberto, é amiude visitado por curiosos, que se comprazem em levar recordações.

Apenas dois ou três dos quadros se acham intactos.

Representam êles a vida do Menino Jesus. Os frontais dos dois altares pequenos que a ermida possue, como o do altar-mór, são tambem de azulejo imitando tecido.

O altar-mór é consagrado a Nossa Senhora. O tecto da extinta capela-mór tem pinturas sôbre o estuque e o do corpo da ermida era de madeira pintada, compondo diversos paineis.

A meio da capela, acha-se, no pavimento, uma lapide sepulcral, com um brazão lavrado a meio relevo e o seguinte epitafio:

AQUI ESTÃO SEPULTADAS
VARIAS PESSOAS DESTA FAMI
LIA DA ERA DE 1493 ENTÉ
A DE 1704 TAMBEM ESTÁ
SEPULTADA D. JÍSEFA ANT.ª
DE MARIS SARM^to^ FILHA DE
PEDRO DE MARIS SARM^to^
CONSILHEIRO DA FAZEN
DA E FIDALGO DA CAZA DE S.
MAG^de^. ESTA SEPULTURA
LHE MANDOU PÔR SEU MA
RIDO ANTONIO CAR^o^ DE SOUZA
FIDALGO DA CASA DE S. MAG^de^.

O estar a ermida destelhada e aberta torna irremediavel a perda dos azulejos que ainda contém. Apenas os paineis que ornamentam e revestem o alto das paredes se poderão ainda salvar.

Este templo pertence a um particular. E', pois, de parecer a comissão que se envidem todos os esforços para que se salvem esses preciosos exemplares de pintura ceramica, removendo-os para sitio seguro, já que, em seu parecer, é impossivel qualquer restauro que os preserve da pilhagem e das intemperies, no lugar onde se encontram.

Unhos

Igreja Paroquial

Este templo é uma edificação jesuitica, vasta e soturna, que esmaga a pequena povoação, improgressiva quási, por falta de comunicações.

Viu lá a comissão algumas tabuas pintadas do seculo XVI, duas

no corpo da igreja e seis na sacristia. Representam estas os Apostolos e, as outras, passos da vida de S. Silvestre, orago do templo.

A hora adiantada a que o visitámos não nos deixou tomar nota das inscripções de jazida que lá se encontram.

A igreja está bem conservada.

Portela de Sacavem

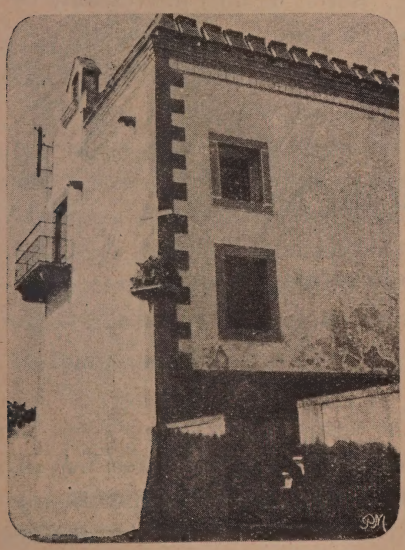
Casa de S. José

E' uma edificação do seculo XVI, com capela e palacio anexo, onde se notam vestigios de abundantes restaurações posteriores.

Na face nascente, á altura do pavimento terreo para o largo, está uma lapide embebida na parede, que diz:

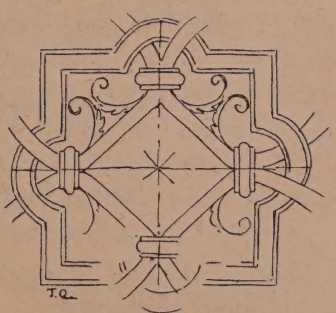
ESTA CASA. E DE. S̃A. IOSE
PIRMEIRA — Ẽ — PVRTVGAL
1538

No cunhal nascente norte avulta uma cruz sôbre um calvario. Na mesma face nascente, ha uma janela com sacada de grande balanço, no primeiro pavimento, e, sôbre a empena, um arco de sineira.



Casa de S. José, na Portela de Sacavem

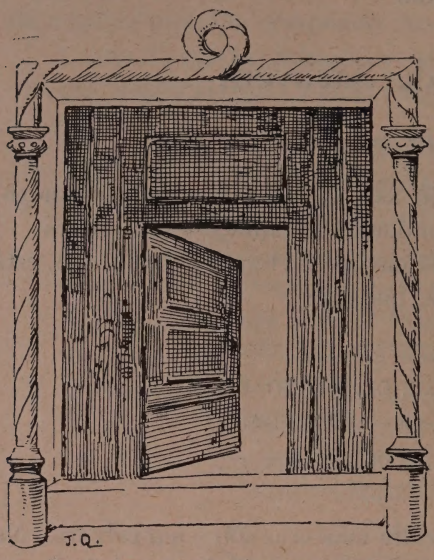
Sôbre este corpo de edificio assenta um largo terraço donde se gosa uma esplendida vista. Em frente da casa, para o largo,



Azulejos, do seculo XVII, (azuis e amarelos) na ermida da casa de S. José

ha um terreiro, levantado do chão cêrca de dois metros, do lado da entrada.

A capela é interior. Tem as paredes revestidas de azulejos do seculo XVII, azuis e amarelos. O tecto é de artezões, havendo, sôbre o altar-mór, um revestimento de estuque. Um dos fechos da abobada é ornamentado com um brazão de armas, em que se vêem, sôbre campo vermelho, cinco vieiras de oiro em aspa. A imagem que avulta no altar é a de S. José, patrono e orago da casa.



Portal manuelino da Casa de S. José, na Portela de Sacavem

Do pateo de entrada do palacio parte um corredor, que serve de sacristia e de comunicação para a capela. O ingresso para o interior da habitação faz-se pelo terreiro virado ao norte, onde se abre um portal manuelino. Na fachada sul, que dá para uma horta, ha uma interessante escadaria em dois lanços, que deve ser da primitiva edificação.

O palacio está completamente arruinado, tendo apenas de pé as paredes mestras.

Vila Franca de Xira

Igreja de S. Vicente Martir

E' do seculo XVII. Para ali se transferiu o templo paroquial da vila, meado o seculo XIX.

Desta antiga edificação já não ha vestigios.

O actual templo — modernamente restaurado — apenas tem digno de nota um silhar de azulejos policrômos do seculo XVII, que o sr. José Queiroz supõe, com bons fundamentos, serem de fabricação lisboeta.

Ermida da Misericordia

E' um templo de uma só nave, restaurado no seculo XVIII.

Na sacristia vêem-se alguns azulejos de figuras — assuntos sacros — pintados a tinta azul, e no pavimento existem algumas lapides sepulcrais com inscrições.

Palacios da vila

No palacio da familia Melo, junto á matriz, na rua Direita, ha, no patim de entrada, na parede fronteira á porta de ingresso, uma figura de azulejo, recortada, representando um cavaleiro trajado á moda dos meados do seculo XVIII. Informaram-nos que em algumas das salas daquela residencia havia, igualmente, guarnições de azulejo, em silhares.

Fronteiro a este palacio, fica outro, modernamente reedificado, que foi do morgado Paulo Baracho Henriques Sacoto Encerrabodes e actualmente pertence aos descendentes dos Barões de Vila Franca. Nesse pateo, embebido em uma parede, vê-se um brazão com as armas dos Barachos, Sacotos, Andrades e Barbosas.

Na rua, antigamente chamada dos Cavaleiros, vê-se, tambem, num predio de aspecto nobre, um brazão com as armas dos Barachos e Farias, apelidos de uma das principais familias da vila.

O palacio dos Sacotos, na rua Direita, tem a fachada, que dá para o *pateo da Galache*, revestida de azulejos decorados a azul, com ornatos e figuras, representando estas a Europa, a Asia, a Africa e a America. Uma das salas do palacio tem tambem um alto rodapé de azulejos, como os anteriores, do seculo XVIII.

Sôbre o portão de acesso ao pateo vê-se um escudo com as armas, esquarteladas e repetidas, de Henriques e Sacotos.

Alenquer

Lutámos com dificuldades para vermos os templos desta vila, por tantos titulos notavel. Só conseguimos visitar o convento de S. Francisco, a igreja de Triana e a de S. Pedro.

Igreja e Convento de S. Francisco

Este cenobio, edificado, no seculo XIII, pela devota infanta D. Sancha, no local dos antigos paços reaes—que já existiam em 1212—é o mais belo monumento alenquerense, principalmente pelo seu valioso e interessante claustro e pelas abundantes tradições e memorias de que se acha povoado.

A entrada para a igreja faz-se por uma porta ogival, de que se obteve uma fotografia. No exterior vê-se a data de 1762, que se refere decerto á reedificação determinada pelos estragos causados pelo terremoto de 1755. Todo o edificio sofreu numerosas restaurações, de algumas das quais se notam vestigios.

Porta da Nossa Senhora da Conceição, das antigas muralhas de Alemquer

Convento de S. Francisco de Alemquer
Porta da igreja

A igreja é de uma só nave, com cinco capelas laterais, duas no cruzeiro e altar-mór. O risco seguido na reedificação é muito semelhante ao que se observa no templo de Santa Quiteria de Méca, diz o sr. G. J. Carlos Henriques, no seu livro *Alemquer e seu Concelho*, embora, no entender da comissão, essa semelhança não seja tão flagrante.

No pavimento ha bastantes lapides sepulcrais com inscripções, e, sôbre a pia de agua benta, outra inscripção rememora a fundação do templo pela infanta D. Sancha.

O convento, parte utilizado pela Misericordia da vila em Hospital,

acha-se muito arruinado. O claustro manuelino, selado nos cunhais das arcarias com as esferas armilares, encontra-se em tal estado de ruina, que a sua restauração ou consolidação se torna quási impossivel pelo excessivo dispendio que seria necessario.

Uma particularidade interessante possue ainda, e é ela de serem iguais todos os capiteis das colunas que suportam os arcos de volta inteira entre os vãos dos gigantes do claustro.

Um aspecto do claustro do convento de São Francisco de Alemquer

Logo á entrada da portaria para o claustro existe uma estreita capela, que actualmente serve de necroterio, a qual possue tecto de artezões, com três florões e um escudete de armas nos fechos. O arco da capela é de estilo manuelino, lavrado de ramagens e frutos.

No pavimento do claustro encontram-se numerosas campas com inscripções.

A Casa do Capitulo, cujo portal manuelino fotografámos, nada tem de notavel.

Visitou a comissão igualmente a capela de Santa Sancha, no andar superior do claustro sôbre a Casa do Capitulo, que diz a tradição ser o unico vestigio dos vetustos paços riais. A traça é manuelina.

Em derredor da portaria do convento ha bons azulejos, pintados a azul (seculo XVIII), formando quatro quadros, dois com paisagens de fantasia, um representando o aparecimento, a D. Sancha, dos Martires de Marrocos e outro figurando um extasi do beato Frei Zacarias.

Igreja de S. Pedro

Antigo templo paroquial, um dos cinco que a vila tinha, reedificado depois de 1755. Tem uma só nave com três capelas de cada lado no corpo da igreja e tecto de abobada de berço.

Ornamentam as paredes deste templo alguns quadros, emolduradados em talha doirada, sem maior valor. Vieram do convento de S. Francisco.

Na porta de entrada lê-se a data de 1706.

O pavimento da igreja tem algumas jazidas com letreiros.

Igreja de Triana

E' da invocação de Nossa Senhora da Assunção. Foi reedificada depois do terremoto que lhe causou grandes estragos, tendo havido, em 1870, outra restauração. Não está exposta ao culto. E' de uma só nave e nada tem digno de nota, a não ser a historica imagem do *Ecce Homo*, doada á igreja por Damião de Gois e que, áparte esse valor, não deslumbra pela feitura artistica.

No pavimento da igreja ha algumas inscrições de jazida. E nada mais.

Santa Quiteria de Méca

Esta igreja, que visitámos no regresso de Alenquer, seguindo a estrada para Olhalvo, é um espècime valioso de templo decorado interiormente com marmores, á semelhança de Mafra, da Basilica da Estrela e da igreja dos Agostinhos de Vila Viçosa. A comissão

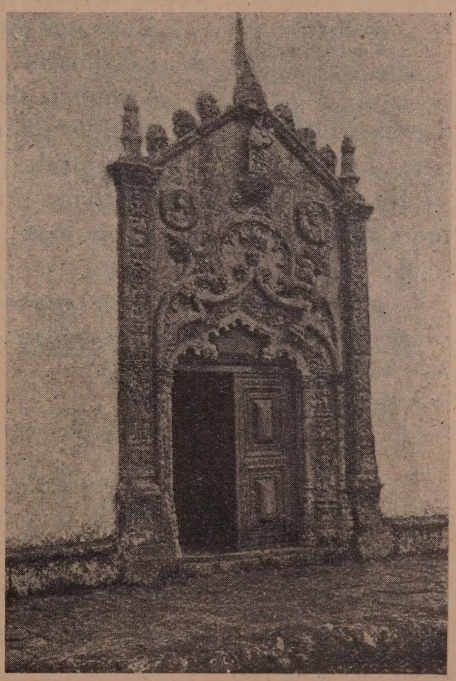
observou-a com todo o seu scenario pitoresco dos romeiros e dos foliões devotos dos arredores. Desde a distribuição da luz, abundantissima no interior do templo, até á sábia e discreta distribuição da pedra, que varía do negro ao branco, com toda a gama exuberante dos marmoreados, tudo é proporcionado, ajustado e belo, dentro do templo. Pena é que a alegre povoação de Méca não fique mais perto de nós e com faceis comunicações, porque, decerto, aos romeiros e festeiros bailadores, se deveria juntar a romaria dos artistas em demanda daquela suave emoção de colorido, inteligentemente combinada por quem, sem a minima duvida, sabia do seu oficio.

Igreja de S. Quintino

Fica no lugar de Serramena, perto do Sobral de Mont'Agraço. E' um templo manuelino, dos principios do seculo XVI, com um lindo portal, de que se obteve um *cliché*, prejudicado pelo pessimo tempo, que nessa ocasião fazia. Num ediculo construido em continuação da fachada principal, abre-se outro portal lavrado, de verga direita, que dá acesso á casa do sacristão. A porta lateral de ingresso á sacristia é tambem do mesmo estilo.

Acha-se o templo bem conservado, para o que muito concorreram as obras ha pouco tempo ali executadas. Da ornamentação do portal fazem parte, além de dois medalhões, um dos quais se supõe representar D. Manuel, uma imagem de Nossa Senhora da Piedade.

A igreja tem três naves,



Igreja de São Quintino
Porta principal

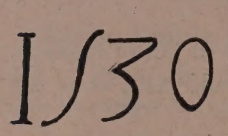
com cinco colunas de ordem toscana em cada renque. Os tectos são de madeira, em fórma de tumba.

Ha apenas uma capela lateral, que é a do Santissimo, com silhar azulejado, do seculo XVIII, a amarelo, azul e côr de vinho. Os tectos e as paredes são de estuque, obra recente.

O corpo da igreja é todo azulejado. Tem um silhar alto, fabríco do século XVIII e, sôbre êle, apainelados de *joalherias* e *padrão* (azul e amarelo), dos seculos XVI e XVII.

O templo é alumiado pela rosacea da fachada e por quatro janelas laterais, duas por banda.

Ao fundo da igreja, junto ao guarda-vento, fica o baptisterio, ediculo de planta circular, com cupola forrada de azulejos *joalheria*, sustentada por quatro colunas. A pia de agua benta é de pedra, lavrada em estilo *Renasença*, sendo o pé acentuadamente manuelino.



Data gravada n'uma das pilastras da porta principal

Interiormente, o baptisterio é azulejado com um painel figurando o baptismo de Christo, trabalho do seculo XVII.

A teia que divide o corpo da igreja é de madeira ordinaria.

A empena da parede sôbreposta aos arcos das naves é forrada de azulejo padrão, do seculo XVI (1587), na parte que volta para a nave central.

Na parede interna da fachada principal vê-se um registo esmaltado, nos azulejos que a forram, e, sob êle, uma *cartouche*, onde se lê:

No anno de 1738, se determinou a obra de azulejos que tem o corpo da Igreja e sancristia e pia de baltisar em que he vigario o Rev.do Padre Quintino Jorge.

No registo aludido lê-se:

SAN QVINTINO — ORA
PRONOBIS — D (?) 1718. D (?).

Na mesma parede, do outro lado do porta, ha outro registo do seculo XVIII, com a imagem de Nossa Senhora da Piedade incrustada nos azulejos.

Do lado da Epistola, no corpo da igreja, vê-se ainda um terceiro registo, representando a Adoração da Cruz, composto de doze azu-

lejos, sendo as figuras, que se acham ajoelhadas, pintadas a azul, e a cruz a amarelo. Na parte inferior lê-se o seguinte distico:

DO / S FIES / DIS

que foi intrepretado pelo sr. Dr. Vergilio Correia como querendo dizer: *Dois fieis discipulos*, aludindo ás figuras representadas no registo.

O côro da igreja é de feitura moderna.

A capela-mór, separada das naves por uma teia de pau santo, é lageada e tem o tecto de abobada de artezões, pintados. As paredes são revestidas de um silhar de azulejos do seculo XVIII, pintados a côr de vinho, amarelo e azul, formando paineis recortados na parte superior. Representam episodios da vida de S. Quintino.

O altar mór é de talha doirada, com dois nichos laterais sôbre duas portas. Outras duas portas comunicam tambem a capela-mór com as absides laterais, das quais a da Epistola apresenta um lindo arco manuelino.

A guarnição do arco da capela-mór é de pedra lavrada, sendo a empena e vãos forrados de azulejos pintados a amarelo e azul. O arco é rematado pela Coroação da Virgem, feita em magnifica talha.

Sôbre o silhar da capela-mór assenta um revestimento de azulejos policrômos até á sanca.

A capela de S. Quintino, que fica no cruzeiro, ao tôpo da nave da Epistola, tem um retabulo de talha, trabalho moderno e sem maior valor, sendo a imagem do orago esculpida em pedra, e pintada. Na base em que assenta a vetusta escultura lê-se o seguinte:

Aº Iõ3 1532 MEFECIT

Em um nicho lateral, vê-se outra escultura de pedra, de Santa Catarina de Alexandria, que, embora não datada, deve ser da mesma epoca.

Nesta capela existe o barrete do santo, que a tradição e a lenda dizem ser maravilhoso contra a loucura. Como se sabe, S. Quintino é advogado dos doidos.

A capela do cruzeiro, ao tôpo da nave do Evangelho, é consa-

grada a Nossa Senhora das Dôres. Nas paredes laterais tem um revestimento de azulejos de figuras, a azul, com moldura policrôma, representando, em paineis, alguns passos da vida de Nossa Senhora. O tecto é de abobada artezonada.

Na sacristia é, tambem, o azulejo a decoração predominante. O silhar, todo a azul, representa varios passos da vida de S. Quintino. A igreja tem um pulpito de pedra, pintado nas quatro faces.

Torres Vedras

Igreja da Misericordia

Está bem conservada. Este templo foi restaurado no seculo XVIII. Tem uma só nave, com as paredes revestidas de um silhar de azulejos, pintados a azul, com figuras. O tecto é de abobada de berço. Nos três altares do tôpo (altar-mór e laterais) vêem-se ricos frontais, de coiro prensado e doirado. Em um corredor atrás do altar-mór outros três guardamecins se acham arrecadados, mas estes em muito mau estado.

Igreja de S. Pedro

E' um belo templo de três naves, cujo portal manuelino é bastante conhecido por numerosas reproduções fotograficas. Os tectos das capelas são artezonados.

Revestem as paredes do corpo da igreja azulejos dos séculos XVI e XVII, em silhares ornamentais. Na sacristia ha identica guarnição de azulejos *joalheria*. Nesta dependencia vêem-se tambem algumas taboas pintadas (escola portuguesa) do seculo XVI, uma das quais representa a *Anunciação*.

O pavimento do templo acha-se recoberto de lapides com inscripções tumulares, algumas das quais se copiaram. Por exemplo:

— *Aqui acerqua de seus queridos pai e mai Ant.º Perestrello seo filho... da ilustre... da casa de... Semper.*

— *Aqui jaz o Dr. Ant.º de Azevedo clerigo de missa. Pater noster.*

—*Aqui jaz Tomás Leite.....*

— *Aqui jaz Belchior Carvalho Terra. Nesta se hão de tornar todos os que cá ficam. Faleceu em 20 de Julho de 15...*

— *Sepultura de Sueirinho Vaz q̃ deixou os bens e cazais dos Cunhados a esta igreja, pelos quais é obrigado o prior a dizer 6 aniversarios por sua alma e descendentes cadã anno e hum responso.*

— *Pº Agostinho Nunes de Campos. Vigario da vara..... e seus herdeiros.*

— *Aqui jaz o Lᵈᵒ Antonio Gomes Pais. Esta sepultura he sua e de seus descendentes. Faleceu a 4 de setembro de 1670.*

— *Aqui jaz D. Isabel do Rego, 1.ª mulher que foi do dez.ᵒʳ Manuel Figueira Delgado. Faleceu a 22 de maio de 1655. Nesta sepultura se não enterrará alguem senão o dito seu marido.*

Nesta igreja encontra-se, num elegante ediculo, a urna sepulcral da familia Perestrelo, feita em magnifico jaspe.

O estado de conservação do templo é bom. Acha-se aberto ao culto.

Igreja e Convento da Graça

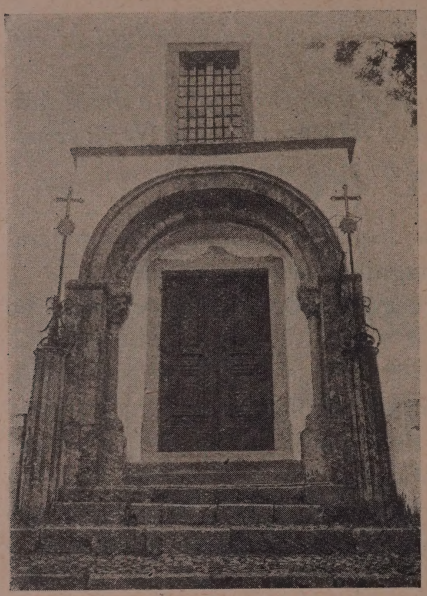
Acha-se tambem em bom estado de conservação. Nesta casa abundam os azulejos. Um vasto rodapé alto, datado de 1725, com as vidas de Frei Gonçalo de Lagos, de Dom Aleixo de Menezes e de outros prelados do convento, ocupa toda a entrada, claustro, igreja e sacristia, em sucessivos e interessantes paineis, emoldurados em ornatos, recortados superiormente, e tendo na parte inferior letreiros explicativos do assunto da composição.

Tal rodapé constitue um repositorio documental de alta importancia para o estudo da sumptuaria e da indumentaria setecentista. Trajos, mobiliario, meios de transporte, usanças, motivos arquitecturais, tudo aí aparece, abundantemente indicado no enormissimo azulejo.

A igreja é de uma só nave, com tecto de abobada de berço. Foi recentemente restaurada, havendo, nela, apenas a notar três lapides de dedicação de capelas. O edificio, muito banalizado por varias reformas, nada mais oferece de notavel.

Santa Maria do Castelo

E' um antigo templo romanico. No portal que se abre para uma escadaria de acesso rematada por duas cruzes de ferro forjado, avultam ainda dois capiteis desse estilo. Interiormente, poucos ou nenhuns vestigios tem da primitiva traça.



Portal romanico de St.ª Maria do Castelo de Torres Vedras

A maior notabilidade da igreja consiste nas valiosas tabuas do seculo XVI, que ornamentam a sua capela-mór. São quatro, todas alusivas á Eucaristia. Uma delas, principalmente, tem extraordinario interesse, como pintura e como documento iconografico.

Não é azada a ocasião para preleccionar sôbre a iconografia de personagens reaes, muita vez incarnadas pelo artista pintor nas figuras das suas composições sacras. Ha mesmo quem defenda a teoria de que tais represenações não tinham por fim retratar a gente grada da côrte, sendo apenas a repetição de um modêlo, então aceito e corrente. Os reis magos, nos pintores dessa epoca, dizem os defensores de tal teoria, não são mais do que a reprodução de um determinado tipo adoptado. Entretanto, é para notar a notavel parecença que um dos reis oferece, ora com D. João III, ora com D. Manuel. Um outro mago é sempre representado por um ancião de longas barbas, notavelmente semelhante em todas as tabuas que abordam o assunto, assemelhando-se, tambem, tanto na fisionomia como nas minucias do trajo, as Virgens que nas mesmas taboas costumam ser representadas. Seriam modêlos da praxe? Seriam retratos?

Era, sem duvida, interessante que se fizesse um estudo atento sôbre tal materia, a que não deveria faltar o exame consciencioso

das tabuas de S. Roque, onde tais retratos ou modêlos se repetem de uma forma curiosa, sendo o proprio S. Roque, quanto a mim, uma possivel reprodução da fisionomia, cheia de caracter, do nosso famoso Damião de Gois.

A adoração dos Magos
Pintura em tabua, da colegiada de Santa Maria de Torres

Senhora do Ameal

E' um estreito templo, antiga matriz da vila, situado quási no arrabalde. Deve datar a sua fundação, ou total reformação, do seculo XVI, tendo havido ainda no seculo seguinte outra, tambem, quási, reedificação. Os tectos de artezões do corpo da igreja e da capela-mór acham-se em ruinas. Da primitiva vimos uma linda pia baptismal, manuelina. No pavimento do templo lêem-se algumas inscripções de jazida, uma datada de 1552 *(Sepultura de Madalena da Cunha)* e outra referente a uma *Ana de Aguiar*, casada com *João de Camões*. Esta tem, em relevo, um escudo de armas, em forma de cadeado, atravessado por uma espada de lamina larga e de guardões rectos. A meio do campo, dentro de uma quaderna de crescentes (Carvalhos?) vê-se um besante, talvez, que mais se assemelha a uma granada de arremeço,

Nesta igreja existem tambem quatro tabuas pintadas representando S. Pedro, S. Paulo, S. Sebastião e S. Lourenço.

Varatojo

A residencia conventual dos franciscanos de Frei Antonio das Chagas, hoje totalmente reformada, tem um belo e interessantissimo claustro, com o pateo ajardinado, do qual tirámos uma fotografia, que infelizmente se perdeu. E' digno de menção o portal

manuelino da Casa do Capitulo, onde jaz, sob uma loisa raza, o fundador, assim como o arco da casa capitular, lavrado no mesmo estilo. Esta sala adorna-se ainda com alguns quadros que representam diferentes varões da familia franciscana.

Foi-nos defeso ver a igreja do convento.

Fóra disto, notámos uma janela exterior do templo, aberta num chanfrado de um dos cunhais, alguns azulejos do seculo XVIII na portaria e um curioso tecto moirisco de *alfarjes* numa dependencia da casa conventual.

Foi esta visita sôbremodo rapida, pelo adiantado da hora em que a efectuámos.

A vila de Torres Vedras tem os seus monumentos civis e religiosos, mais ou menos estudados na *Descripção* de Agostinho Luís Madeira Torres e nas anotações artisticas do benemerito e sabio Gabriel Pereira. Os seus chafarizes, o seu castelo, os seus templos e conventos, acham-se analizados nas referidas obras, sob aspectos diferentes. As duas orientações completaram esse estudo.

Varias casas brazonadas se erguem na vila, onde tambem vimos um registo de 35 azulejos recortados, representando Nossa Senhora do Rosario, na *rua de Trás do Açougue*.

No edificio dos paços do concelho, em um dos patamares da escadaria, acha-se embebida na parede uma lapide, em relevo, representando as armas da vila: um castelo de duas torres e, na parte superior, entre elas, o escudo das quinas. Inferiormente, lê-se, em caracteres góticos:

Esta casa e quintal he do Concelho — 1518

As dimensões da lapide são 0,77 × 0,45.

*

Neste territorio, percorrido em quatro excursões, tivemos ocasião de verificar a multiplicidade de registos de azulejos, embebidos em muros e fachadas, dentro das povoações e a meio das estradas. Depois do terremoto que afligiu a cidade e o termo, é que essa usança se propagou mais sensivelmente. Alguns desses sub-monumentos ce-

ramicos aparecem datados, abundando nêles a representação iconografica de Santo Antonio, Nossa Senhora da Piedade e S. Sebastião. Em Lisboa, a representação dominante é a de S. Marçal, advogado contra o fogo. Os proprietarios alfacinhas, á falta de companhias de seguros, seguravam os seus haveres na devoção daquele santo.

Na estrada de Sacavem, em Loures, Louza, Santo Antão do Tojal, Vialonga, Póvoa de Santa Iria, etc., abundam os registos, e alguns vimos, realmente, dignos de apreço, pelo esmalte, pelo colorido e pela composição. E' ainda hoje um encantador motivo de decoração.

Na quinta de Fez, cêrca do Turcifal, observámos um desses registos, representando Santo Antonio, rodeado de ornatos policrômos, achando-se indicado o nome da propriedade, em uma *cartouche*, posta inferiormente.

Na mesma propriedade, em uma cava feita num dos cunhais, acolhe-se uma escultura de Nossa Senhora da Piedade.

Em resumo, a ornamentação pelo azulejo, que é das mais alegres e pitorescas, afirma a sua supremacia, seja como motivo acessorio ou essencial, isoladamente ou em conjunto, no termo da cidade.

Banda d'Além

Fóra do programa organizado primitivamente, fez-se uma excursão ao outro lado do Tejo — a Setubal, Palmela e Azeitão. Acessoriamente aqui ficam, tambem, arquivadas, neste relatorio, as anotações da comissão.

Setubal

Igreja do Convento de Jesus

Este templo é de três naves, separadas por seis colunas torcidas, de três lios, de pedra da Arrabida, pintada. O tecto é de artezões. No corpo da igreja existe um silhar de azulejos, recortados superiormente, formando dezoito paineis, que representam scenas da vida de Nossa Senhora. A pintura dos paineis é toda a azul e as

Aspecto interior da igreja do convento de Jesus

molduras são policrômas. A teia, que separa os corredores laterais, é de pau santo e marmore da Arrabida, de balaústres entremeados.

No corpo do templo existem dois altares, postos ao tôpo das naves laterais, com retábulos de talha doirada do século XVII e banquetas imitando mosaico. Todo o pavimento da igreja é coberto de campas, algumas brazonadas, estando, em parte, recoberto de madeira.

Tem um pulpito de talha doirada, seiscentista, encostado a uma das colunas das naves, com uma escada de acesso feita de madeira, mas pintada a imitar marmore. O pulpito antigo, de pedra da Arrabida (seculo XVI) está na capela-mór.

Esta tem o arco duplo, composto de colunas torcidas da mesma pedra, sendo decorada com mosaicos — genero florentino — nas escadas de acesso para o altar-mór, as quais são coroadas de uma elegante balaústrada de pau santo e marmore da Arrabida. Todo o altar-mór é de talha doirada do seculo XVII, com nichos-relicarios, onde se acolhem imagens, sendo o retabulo e o trôno coroados de figuras incarnadas e sobrepujados pelas antigas armas reaes portuguesas, de corôa aberta.

A capela-mór é tambem decorada com um silhar alto de azulejos, com sete paineis, recortados na parte superior, sendo o resto das paredes revestido, igualmente, de azulejos enxadrezados, azuis e brancos do seculo XVI (?).

Do lado direito desta capela ha um altar moderno, de gôsto francês, e, do mesmo lado, abre-se uma janela, que dá para o exterior, com uma graciosa moldura manuelina, de pedra da Arabida. Nesta janela ainda ha restos de vitrais, a meio e na parte superior, tendo escapado, felizmente, a data que os autentica e que ainda se lê: 1539.

O tecto desta capela-mór é de abobada com nervuras.

No corpo da igreja existem, decorando as paredes, quinze paineis do seculo XVI, os quais constituem, talvez, a mais valiosa obra de todo o monumento.

Na sacristia ha a notar o interessante arco manuelino do lavabo, de pedra da Arrabida, azulejado interiormente, e alguns lindos exemplares de azulejos dos principios de seculo XVI, em relevo, hispano-mouriscos.

Na cripta, sob a capela-mór, a banqueta, o arco do altar e os silhares, são revestidos de azulejos hispano-mouriscos, de varia-

dissimos tipos, lendo-se em volta uma legenda, repetida, em caracteres góticos, que diz:

Memento homo quia pulvis es et in pulvis reverteris.

No chão esmalta-se a campa brazonada, em relevo, de D. Antonio Manuel, neto da fundadora, Justa Rodrigues Pereira. E' um escudo esquartelado com as armas dos Silvas e Manueis, esquarteladas e repetidas.

No vão da fresta, que ilumina a cripta, vêem-se cinco escudos, á maneira das quinas, com nove folhas de golfão cada um, em três palas, e, a meio da sala abobadada, avultam duas urnas tumulares, lisas e sem inscripção, de marmore da Arrabida.

A Casa do Capitulo do mosteiro é revestida de azulejos enxadrezados, verdes e brancos, do seculo XVI, e tem o tecto de madeira pintada. No pavimento vê-se a campa sepulcral da fundadora, Justa Rodrigues Pereira. Esta sala fica na face nascente do claustro.

Este, é de arcos ogivais e de volta perfeita, todos da mesma pedra da Arrabida. Em um dos angulos ha um claustrim de lavabo, com os estribos, ou pendurais, dos arcos ornados de cabeças. O tecto é de artezões.

Para o claustro dão dois portais manuelinos, um dos quais se abre em um pedaço de parede, revestida de azulejos policrômos, dos seculos XVI e XVII.

Serve de entrada para um corredor-capela, forrado identicamente dos mesmos tipos de azulejo e de alguns do seculo XVIII, de motivos isolados.

O refeitorio do antigo mosteiro é tambem forrado de azulejos enxadrezados, azuis e brancos. Em uma das paredes existe um painel a oleo — pintura sem maior valor — representando a *Ceia de Christo.*

O côro da igreja tem, no reverso da porta do confissionario, doze paineis representando alguns santos da Ordem, algumas freiras célebres em virtude, a fundadora do mosteiro e a Rainha Santa Isabel. Fica tal confissionario entre dois relicarios de nichos, com imagens, que tomam toda a parede que dá para a igreja.

No côro existem sete altares de encosto sem maior valor, um presepio, cadeirões, etc.

Em alguns desses altares ha quadros de merecimento, como os que representam *S. João Baptista e o Menino Jesus* e *A Adoração.* Estes dois lindos quadrinhos estão no altar de Nossa Senhora da Purificação.

Noutro altar ha alguns quadros em madeira, como os primeiros, que certamente ali foram colocados aproveitando-se de outro ponto a que tinham sido destinados, como o provam vestigios evidentes de mutilações sofridas. Neste caso está o painel dos *Reis Magos*, no altar de Nossa Senhora da Piedade.

Viu a comissão, ainda, neste côro, uma pixide-relicario, de prata doirada, do seculo XVI, de delicado trabalho, vulgarmente conhecida por *Nossa Senhora do Cavaquinho*, e que já figurou na Exposição de Arte Sacra (1895); uma mumia de uma filha de D. Jorge, Mestre de S. Tiago; dois quadros em tabua, do seculo XVI, escola portuguesa; e algumas telas sem maior merecimento.

Depois da interessante e prolongada visita a este monumento foi a comissão de parecer que se tornava urgentemente necessario proceder ás seguintes obras:

1.º Reparação dos telhados da igreja, para evitar a destruição das muitas obras de arte que ali se contêem;

2.º Fixação da opulenta talha que a guarnece e se está desagregando;

3.º Limpeza das paredes do templo;

4.º Tratamento, por pessoa competente, dos valiosos quadros, cuja importancia é, de ha muito, reconhecida.

Numa passagem rapida pela cidade, apontámos alguns brazões e outras minucias arquitectonicas, como, por exemplo:

— Um brazão da familia *Sardinha*, no predio n.º 20 da rua de Serpa Pinto;

— Um portal manuelino, na casa n.º 14 da rua de Santa Catarina;

— Um brazão esquartelado, tendo nos 1.º e 4.º quarteis as armas dos Henriques, e no 2.º e 3.º uma aspa tendo nos intervalos quatro flôres de liz (Mirandas), na praça do Boçage, n.ºs 53 e 54.

Tentou a comissão — o que não conseguiu — visitar o templo de S. Julião, apesar dos esforços para isso empregados pelo Sr. Narciso David, que muito gentilmente nos acompanhou na visita ao mosteiro de Jesus, facilitando a acção da comissão. Entretanto, o exame exterior do templo sugeriu-nos imediatamente uma medida a tomar: a eliminação dos azulejos que o revestem, á maneira do edificio da Misericordia de Lisboa. Aquilo é um verdadeiro atentado de lesa-arte.

Castelo de Palmela

Este monumento está em completo estado de ruina. Nada ha a fazer senão evitar que desapareçam alguns restos, que valem como historia. Seria interessante consolidar a propria ruina, mas isso demandaria uma enorme despesa, inutil de alvitrar ou de propôr.

Castelo de Palmela
Azulejos *padrão*, a cores, da capela mor da igreja. Seculo XVII

Tomámos nota de algumas inscripções sepulcrais da igreja do Castelo. Aqui ficam arquivadas:

— *Sepultura de Manoel Lobo Teixeira e de s. m. Josefa Ribeiro.* Tem o escudo dos Lobos com a orla dos Teixeiras, em relevo. Esta lapide está no tôpo da nave, do lado do Evangelho.

— *Sep.ª de João de Brito de Mello e de s. m. Isabel de Barros Coelho.* Escudo partido com as armas dos Britos e dos Melos. A meio do corpo da igreja.

— *Se.ª de Alvaro de Carvalho, Cav.º de S. Tiago e de s. m. Maria Romba.* Êle faleceu em XVI-11-1614 e ela em X-11-1614. Tem o brazão dos Carvalhos. No chefe: um peixe e, sob êle, a palavra ROBVS.

— *Aqui jaz Pedro Lopes de Goes fidalgo da casa do sr. Mestre de São Tiago, Duque de Coimbra, filho de El Rey D. João. Foi Cav.º da Ordem de São Tiago e se finou em setembro de 1512.* Tem um brazão esquartelado. A inscrição é em gotico.

— *Aqui jaz D. Diogo de Gouveia, prior-mór que foi deste convento e ordem de São Tiago, do Conselho de El Rey D. Sebastião N. S. Embaixador de El Rey D. João* III *em o concilio de Trento. Faleceu neste convento aos... de abril de 1576.*

Está na nave lateral do lado da Epistola.

Azeitão

Palacio da Bacalhôa

E' confrangedora a ruina deste monumento. Não cabe neste ligeiro apontoado de noticias desfiar a sua historia, tanto mais que êle é conhecido de todos os que se interessam pela arqueologia artistica do nosso país, nem tão pouco entrar em considerações sôbre o valor artistico do palacio, já estudado, já comentado e já descripto.

Palacio da Bacalhoa
Parte de uma cercadura de azulejos da galeria, a azul, amarelo e vermelho. Seculo XVI [1]

Pertença de um particular, esse interessantissimo monumento, onde a decoração ceramica é de uma pujança e de uma variedade notaveis, está condenado, mais tarde ou mais cedo, a desaparecer e a ruir completamente. Destelhado, os pavimentos esfacelados, as cantarias fendidas, vai nêle o tempo exercendo a sua acção destruidora, sem que a isso se oponha a mais ligeira defesa.

Nada póde, pois, a comissão alvitrar, nem tão pouco propôr, lamentando apenas que o Estado tivesse consentido que o palacio passasse ás mãos de um particular, que não póde empregar, por muito boa vontade que tenha, os meios de defesa que o Estado, se quizesse, poderia pôr em prática com maior facilidade.

*
* *

Eis concuidos o relatorio e a nossa missão. Muito ficou por dizer, muitissimo por fazer, mas o que se obteve é já alguma coisa e serve, talvez, de nucleo inicial ao inventario arqueologico da região percorrida.

Se a Associação prosseguir nesta ordem de estudos, poderemos,

(1) Na Bacalhôa encontra-se esta mesma cercadura, em relevo. Tanto este caso como o da intensidade do vermelho na decoração, são realmente dignos de nota.

em breve, organizar alguns inventarios parciais, cuja utilidade é escusado encarecer. Aos bons oficios de V. Ex.as, isoladamente, a boa vontade, nunca desmentida, desta colectividade, recorre a comissão, que, deste modo, como soube e poude, se desobrigou do honroso mandato que V. Ex.as lhe conferiram.

Museu Arqueologico do Carmo, séde da Associação dos Archeologos Portugueses, em 12 de Fevereiro de 1916.

D. José Pessanha
José Queiroz
Nogueira de Brito
Matos Sequeira (relator)

NOTA

Este relatorio foi lido em sessão da Assembleia Geral de 25 de Fevereiro de 1916, pelo socio relator, Matos Sequeira.

As excursões de estudo realizaram-se nos dias 4 de Setembro, 16 de Setembro e 13 de Novembro de 1914, 23 de Maio e 10 de Junho de 1915.

As fotografias obtidas na primeira e na segunda excursão foram devidas á amabilidade do Sr. Pedro de Sottomayor, que acompanhou a comissão nas mesmas excursões.

Na terceira excursão, á Banda de Além, foi a comissão acompanhada pelo socio Sr. Luiz Filipe de Albuquerque Bettencourt, que obteve uma bela fotografia da igreja do mosteiro de Jesus; na quarta excursão, pelo Sr. Antonio de Sottomayor, que igualmente obteve alguns *clichés;* e na quinta excursão pelo socio Sr. Dr. Vergilio Correia, que fotografou os porticos das igrejas de S. Quintino e de Santa Maria do Castelo de Torres, assim como um dos quadros desta mesma igreja.

Todos os desenhos que ilustram este relatorio são da autoria do Sr. José Queiroz assim como as suas epigrafes e anotações.

91-B12125

GETTY CENTER LIBRARY
3 3125 00010 2174